

O MEIO AMBIENTE NA CONCEPÇÃO DE AGRICULTORES (AS): UMA VISÃO A PARTIR DO MUNDO VIVIDO

EL MEDIO AMBIENTE EN LA MENTE DE LOS AGRICULTORES: UNA VISIÓN DESDE EL MUNDO VIVIDO

Lourinete Ribeiro de Araújo¹
Magnus José Barros Gonzaga²

RESUMO

Historicamente, o termo “meio ambiente” tem sido mencionado a partir de uma visão naturalista, que considera apenas os elementos físicos, químicos e biológicos como dimensões de sua representação. Esta compreensão é influenciada por uma visão de mundo que separa a sociedade e a cultura humana como partes constitutivas do meio ambiente. É no escopo dessa problemática que desenvolveu-se, como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), uma pesquisa para identificar e analisar a concepção de meio ambiente na perspectiva de agricultores (as). A pesquisa ancora-se em estudos e pesquisas de pesquisadores (as) da área, quais sejam: Gonzaga (2010; 2014; 2016), Loureiro (2002; 2004; 2006; 2009) e Lima (2009). O método e a abordagem teórica para fundamentar a análise da pesquisa é a dialética materialista em sua perspectiva histórica. A análise e a reflexão promovidas nesse estudo subsidiaram a constatação de que predomina-se, no lócus de investigação, uma concepção de meio ambiente calcada na perspectiva naturalista, a qual considera apenas os elementos físicos, químicos e biológicos como dimensões totalizadoras do meio ambiente.

Palavras-chave: Educação; Agricultores; Concepção de Meio Ambiente; Natureza.

RESUMEN

Históricamente, el término “medio ambiente” ha sido mencionado desde un punto de vista naturalista, que considera únicamente los elementos físicos, químicos y biológicos como dimensiones de su representación. Esta comprensión está influenciada por una cosmovisión que separa la sociedad y la cultura humana como partes constitutivas del medio ambiente. Es en el marco de este problema que se desarrolló una investigación, a modo de Trabajo de Finalización de Curso (TCC), para identificar y analizar la concepción del medio ambiente desde la perspectiva de los agricultores. La investigación está anclada en estudios e investigaciones de investigadores del área, a saber: Gonzaga (2010; 2014; 2016), Loureiro (2002; 2004; 2006; 2009) y Lima (2009). El método y enfoque teórico para fundamentar el análisis de la investigación es la dialéctica materialista en su perspectiva histórica. El análisis y la reflexión promovidos en este estudio sustentaron la constatación de que, en el locus de investigación, predomina una concepción del medio ambiente basada en la perspectiva

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia, Universidade Federal Rural do Semi-Árido (Campus Angicos). E-mail (lourinete.araujo@alunos.ufersa.edu.br)

² Professor do Departamento de Ciências Humanas – DCH, Universidade Federal Rural do Semi-Árido (Campus Angicos). E-mail (magnus.gonzaga@ufersa.edu.br)

naturalista, que considera sólo los elementos físicos, químicos y biológicos como dimensiones totalizadoras del medio ambiente.

Palabras clave: Educación; Agricultores; Concepto de Medio Ambiente; Naturaleza.

INTRODUÇÃO

Ao se observar cotidianamente as menções feitas ao termo ambiente não são poucas as interpretações que se podem constatar. Por si só, esse termo já se apresenta no vocabulário popular de modo bastante diverso. Coimbra (2002) salienta que faz-se o uso desse termo no vocabulário cotidiano quando menciona-se aspectos relacionados ao ambiente familiar, ambiente de aula, ambiente de trabalho, o clima do ambiente, ambiente externo, interno, denotando-se, assim a compreensão do termo ambiente como noção de um espaço.

Na maioria das vezes em que o termo “meio ambiente” é mencionado, a compreensão que se atribui a ele é decorrente de uma visão de cunho naturalista, a qual foi construída, historicamente, a partir de uma perspectiva mecanicista que valoriza os aspectos que envolvem, predominantemente, os elementos físicos, químicos e biológicos como unidades totalizadoras do meio. Trata-se, pois, de uma compreensão que separa de modo dicotômico a sociedade e a cultura humana da relação constitutiva do meio ambiente. Essa abordagem dicotômica tem estado presente de modo recorrente nos debates atuais em razão de uma perspectiva de meio ambiente inculcada historicamente pelas práticas sociais e pelo imaginário do senso comum, o qual não se vislumbra uma maior abrangência do termo.

É no cerne dessa problemática que se ancora o desenvolvimento desse artigo, o qual resulta de uma pesquisa que buscou identificar e analisar a concepção de meio ambiente na perspectiva de agricultores (as). Trata-se pois, de artigo científico desenvolvido para fins de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal Rural do Semi-Árido - Ufersa.

O estudo foi desenvolvido numa comunidade rural, a qual integra moradores (as) de um projeto de assentamento de Reforma Agrária localizada no município de Angicos, Rio Grande do Norte (RN). Desse modo, constituem Objetivos Específicos: Identificar e analisar a concepção de Meio Ambiente na perspectiva de Agricultores (as) do Projeto de Assentamento de Reforma Agrária Bonfim (PA Bonfim), localizado em Angicos, Rio Grande do Norte – RN; Identificar as questões ambientais consideradas importantes na perspectiva dos (as) agricultores (as) do Projeto de Assentamento de Reforma Agrária Bonfim (PA Bonfim);

Identificar as atividades desenvolvidas pelos (as) agricultores (as) que estejam em equilíbrio sustentável com o meio ambiente.

A concepção de meio ambiente em perspectivas: da visão naturalista à socioambiental

Os estudos que se remetem a relação sociedade e meio ambiente ganham cada vez mais relevância para a compreensão da problemática ambiental em curso na sociedade contemporânea.

A discussão sobre o meio ambiente demonstrada e explicitada no documento *Our Common Future* (Nosso Futuro Comum), publicado no Relatório *Brundtland* em 1987 já enfatizava a relação “ser humano, meio ambiente” e crescimento econômico numa perspectiva que se remetia a junção das questões ambientais e sociais, ainda que de forma tímida.

Paulatinamente, “o meio ambiente” foi constituindo-se como cerne de uma temática que assume cada vez mais destaque, seja no campo dos debates epistemológicos das ciências humanas e sociais, bem como das ciências ambientais e naturais.

A discussão sobre questões ambientais, tais como o aquecimento global, as mudanças climáticas, a poluição atmosférica, os desmatamentos e seus desdobramentos econômicos, políticos e sociais tem adquirido grandes conotações nos dias atuais, seja pela gravidade dos impactos causados ou mesmo pela complexidade do tema.

Essa discussão se complexifica ainda mais quando os debates no meio social abordam o termo meio ambiente a partir de uma visão de mundo que o compreende como sinônimo de fauna e flora. Sobre esse aspecto reducionista da compreensão ambiental, Gonzaga (2014) afirma que:

na maioria das vezes, a expressão ainda aparece reduzida às dimensões físicas e biológicas, entendidas como sinônimo de fauna e flora. Ou seja, quase sempre se reportam ao termo meio ambiente como se este fosse exclusivamente aquele meio natural, constituído, apenas, pelos fatores bióticos e abióticos, onde habitam abundantes formas de vidas (GONZAGA, 2014, p. 41).

Por outra perspectiva, o predomínio do reducionismo da compreensão ambiental abre espaço para reflexão no sentido da necessidade de superação da visão fragmentada, do senso comum, por uma visão mais ampla de meio ambiente que não esteja reduzida aos aspectos

naturalistas, aos sistemas bióticos e abióticos como se estes fossem a representação exclusiva de meio ambiente.

Gonçalves (1996) compreende a questão ambiental a partir da perspectiva histórico-cultural e critica o pensamento comum da sociedade que analisa o meio ambiente apenas pela interface da natureza em sua conjuntura física, química e biológica, visão que para o autor já vem sendo concebida desde os séculos XVIII e XIX. Nesse sentido, autor afirma que:

na verdade, essa tendência a buscar na natureza o paradigma para a sociedade estar fortemente enraizada na cultura ocidental, particularmente nos séculos XVIII e XIX, em certas vertentes do Iluminismo e do Racionalismo. (...) sob a ótica positivista a natureza é algo objetivo e, portanto, suas leis estão livres das paixões, das ideologias e das subjetividades. Deste modo, aplicar aos homens estas leis objetivas seria encontrar a sociedade naturalmente justa (GONÇALVES, 1996, p. 95).

O autor considera o homem como um produtor de cultura. Considera a relação do homem com o meio e a cultura:

Diferentemente do pensamento corrente, os homens ao longo da história criam normas, regras e instituições não para evitar cair no estado de natureza. Ao contrário, eles o fazem desenvolvendo sua própria natureza não somente em função dos estímulos advindos do meio ambiente, mas também das relações que os homens estabelecem entre si (GONÇALVES, 1996, p. 94).

Por outro viés, “na compreensão dialética sobre o meio ambiente, a natureza, a sociedade e a cultura humana são compreendidas como dimensões que integram a sua gênese constitutiva” (GONZAGA, 2014, p. 43).

A visão predominante sobre o meio ambiente reduz-se às noções de natureza, aos aspectos ecológicos, biológicos e físicos. Uma visão comum demarcada historicamente pelo viés dos meios de comunicação, que segundo Gonzaga (2014):

Essa significação tem sido atribuída, principalmente, pelos “meios de comunicação”, televisão, rádio, jornais impressos e digitais, sites etc., ao termo meio ambiente, projetando-o, principalmente, como expressão que sintetiza a vida animal e vegetal (GONZAGA, 2014, p. 41).

Historicamente, os meios de comunicação têm tratados as questões ambientais, predominantemente, pela visão naturalista, sem relacionar a problemática ambiental às questões econômicas, políticas e sociais.

Ao se observar a Constituição Federal de 1988, especificamente, em seu Capítulo VI, Art. 225, não se identifica o significado amplo sobre o termo Meio Ambiente. Neste, o meio

ambiente aparece tão somente como um fundamento de preservação, como referência a que, “todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao poder público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações” (BRASIL, 1988, p.131)

Por essa ótica, configura-se, assim, meio de informação que concebe e propaga uma visão de natureza intocada, além de não ampliar a discussão do meio ambiente de forma a integrar a relação intrínseca estabelecida pela sociedade, homem, cultura e natureza. Na mesma linha de raciocínio, Leff (2000), afirma que “dessa maneira, abandona-se o conceito de meio ambiente, o qual está reduzida as suas condições físicas, e biológicas de funcionamento e transcende-se para outra convicção, a de que “toda a formação social desenvolve-se numa estreita relação com e seu entorno natural”. Um conjunto interligado ao ser humano, pois se considera o homem como parte integrante desse meio, que discute, pensa e reflete sobre todo esse processo.

A partir da perspectiva dialética, reconhece-se o meio ambiente não apenas pela dimensão dos fatores bióticos e abióticos, mas também pela incorporação das relações econômicas, políticas, sociais e culturais como dimensões que compõem uma unidade totalizadora. Conforme Leff (2000. p. 41), “a crise ambiental não se manifesta na destruição do meio físico e biológico, mas também na degradação da qualidade de vida, tanto no âmbito rural, como no urbano”. “De modo relacional, a crise se expande e segue sua tendência sociometabólica em atingir tanto os centros de produção e reprodução do capital como sua periferia” (GONZAGA, 2010).

A concepção histórica e dialética sobre o meio ambiente segue a perspectiva que integra, de modo relacional, homem, sociedade e cultura na compreensão sobre o meio. Ou seja, uma concepção que considera toda a conjuntura envolvida nessa relação como a cultura, as relações políticas, os interesses de classes, bem como o modo de produção capitalista. É nesse sentido que Gonzaga (2014) considera que o termo “socioambiental compreende o meio ambiente como um campo de relação dialética entre sociedade, cultura e natureza e não como sinônimo de natureza intocada.”

A Concepção de meio ambiente na perspectiva de agricultores (as)

O método e a abordagem teórica que fundamentam a pesquisa do objeto de estudo desse trabalho é a dialética materialista em sua perspectiva histórica. Antes de tudo, faz-se necessário explicitar uma breve consideração acerca do conceito de método e para esta

finalidade recorreremos a Souza e Gonzaga (2014) quando afirmam que o “método” é uma expressão “originada do termo grego *metahodos*, cuja etimologia advém da junção das palavras *meta* (através de, por meio de) e *hodos* (caminho), indicando a ideia de caminho através do qual se pode atingir objetivos projetados”. E quanto ao processo de investigação científica, os autores afirmam que:

No processo de investigação científica, o método é, por natureza, um conjunto de procedimentos lógicos, orientados por regras, e que visa orientar o pesquisador a alcançar um objetivo previamente elaborado. Nesse aspecto, o método científico guia a compreensão do pesquisador e suas ações diante do fenômeno a ser desvendado, de modo que se garanta cientificidade (SOUSA & GONZAGA, 2014, p. 3).

Na pesquisa científica, o método consiste num caminho a se seguir durante as etapas da investigação, de modo que através da adoção de procedimentos lógicos, racionais, bem como das regras estabelecidas busca-se alcançar os resultados.

Nesse aspecto, “o materialismo histórico dialético é um método que incorpora o rigor científico e busca compreender os fenômenos para além da aparência, buscando perseguir a essência da realidade do objeto estudado” Souza e Gonzaga (2014). Para os autores, por esse prisma, os estudos que envolvem o campo da educação buscam revelar o movimento e a historicidade dos fenômenos estudados. No caso do objeto de estudo específico dessa pesquisa, busca-se revelar a concepção de meio ambiente de agricultores (as) e as relações destes (as) com a sociedade em âmbito mais amplo.

Traçado o percurso teórico-metodológico, para subsidiar a pesquisa desse trabalho, ancoramo-nos em estudos e pesquisas de pesquisadores (as) da área, quais sejam: Gonzaga (2010; 2014; 2016), Loureiro (2002; 2004; 2006; 2009) Lima (2009).

Conforme já sinalizou-se neste trabalho, a preferência pelo materialismo histórico dialético é por esse método explicitar de modo mais amplo a realidade social a qual situa o objeto de estudo desse trabalho.

Ancorado no materialismo histórico e dialético, o objeto de estudo deste trabalho incorpora um grupo de agricultores (as) assentados (as) do Projeto de Assentamento de Reforma Agrária Bonfim, situado numa comunidade localizada a 25 km do município de Angicos (RN).

O assentamento o qual situa o lócus de investigação desta pesquisa teve seu início ainda no final da década de 1990, com ocupação de terras lideradas por agricultores da região. O referido assentamento passou a ser reconhecido pelo Instituto de Colonização de Reforma

Agrária (INCRA) em 2001, dispondo de área territorial de 1.248 hectares (ha), sendo essa quantidade dividida em 27 ha para cada assentado (a) agricultor (a), titular das 45 famílias beneficiadas.

O assentamento ainda dispõe de uma associação de moradores (as) com diretoria eleita pelo voto direto em assembleia geral pela comunidade. As famílias assentadas dispõem de energia elétrica, rede de internet, transporte municipal todos os dias para a Escola de Educação Infantil e Ensino Fundamental, transporte semanal para o posto de saúde próximo, transporte para o dia da “feira” na cidade aos sábados e transporte mensal para recolhimento dos descartes domésticos. Mesmo com diferentes crenças, a religião no assentamento é bastante marcante.

No ano de 2018 a comunidade teve a oportunidade de participar de um projeto de Educação Ambiental, intitulado “Enraizando Saberes³”, realizado pelo Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), com o apoio da Prefeitura Municipal de Angicos (RN).

A maioria dos (as) sujeitos (as) da pesquisa são adultos e idosos que desenvolvem atividades de trabalhos cotidianos voltados para o plantio, o arado ou criação de animais a partir do conhecimento popular e de suas experiências com essas atividades. A pesquisa de campo para a coleta de dados foi previamente elaborada e se desenvolveu por meio de um roteiro de questões e observações *in loco*. Previamente, foram selecionados por sorteio aleatório dez (10) agricultores (as) dentre os (as) mais antigos (as) do assentamento situados nas duas agrovilas da comunidade.

O material utilizado para o atendimento desse procedimento constituiu-se de um roteiro com questões sobre a caracterização dos (as) sujeitos (as) entrevistados (as) e de três (3) questões estruturadas para atender as necessidades, a partir da coleta de informações, foi possível construir os dados do objeto de estudo.

É importante ressaltar que, provendo-se do fácil acesso aos agricultores (as) pesquisados (as), em razão da familiaridade da autora pesquisadora, cujo lócus de pesquisa constitui também o lugar de residência e convívio não foi ignorada a atenção aos aspectos éticos da pesquisa, de modo a se evitar formas de interferências ou influências nas repostas.

³ O projeto foi elaborado por duas moradoras do assentamento, discentes do IFRN, com o objetivo de sensibilizar e conscientizar a comunidade local sobre as práticas tradicionais de manejo, bem como a relação com o meio social e os cuidados com a saúde. As informações do projeto constam em ARAÚJO, Lourinete Ribeiro. ARAÚJO, Lourinete Ribeiro. MACIEL, Ozanira Soares. **Relato de Experiência:** Projeto Enraizando Saberes. Pág. 32, Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), Ipanguaçu: RN, 2019.

Nessa etapa da pesquisa, foi imprescindível conceder a liberdade de fala no momento da concessão das respostas dos (as) entrevistados (as) para que se garantisse um melhor aproveitamento e rigor na construção dos resultados. Ainda que a vivência da autora pesquisadora esteja estreitamente ligada a vida dos (as) agricultores (as) entrevistados (as) somente uma pesquisa pode traduzir de modo mais robusto a percepção destes sobre o meio ambiente. Pois, tal como afirmam Souza e Gonzaga (2014) "se a aparência dos fenômenos coincidissem com sua essência, não haveria razão para se pesquisar" (SOUZA & GONZAGA, 2014, p. 145).

Metodologicamente, o estudo de campo se valeu de um roteiro com três (3) questões orientadoras. A primeira questão está voltada a identificação da concepção de meio ambiente; a segunda busca identificar a importância que se tem do meio ambiente; a terceira questão busca identificar as atividades laborais praticadas que estão em equilíbrio ecológico com o meio ambiente, conforme quadro a seguir:

Questão 1	Qual a sua compreensão de Meio Ambiente?
Questão 2	Qual a importância do Meio Ambiente?
Questão 3	Quais são as atividades que você desenvolve que esteja ou não em equilíbrio sustentável no meio ambiente?

Quadro 1 – Questões de pesquisa

Em seguida, apresenta-se a transcrição das respostas, as quais estão divididas em três (03) quadros, cada um composto com as três (03) questões orientadoras.

Dessa forma, na primeira (1ª) coluna, do primeiro (1º) quadro, de forma breve, apresenta-se a identificação dos (as) entrevistados (as), sucedendo-se pela ordem da coleta de dados da pesquisa.

No sentido de se preservar e resguardar a identidade e as informações pessoais dos (as) entrevistados (as) adotou-se a referência a partir de codinomes. Ao lado, na segunda (2ª) coluna apresenta-se a transcrição das respostas equivalente à pergunta realizada.

Agricultores (as) entrevistados (as)	1º- Qual a compreensão de meio ambiente?
Maria Flor (67 anos, agricultora, professora	Você tá bem no canto onde tem limpeza, né isso! Onde não aconteça sujeira para a gente preservar a natureza, e não deixar lata velha, garrafas, coisas que prejudiquem as pessoas e

aposentada, moradora há 23 anos).	o meio ambiente em que vivemos. Acredito que seja isso (...) Não deixar tudo sujo, já não é bom, mesmo assim é onde a gente convive, tem que ser uma coisa limpa, que a gente não destrua a natureza.
Francisco Meirão (68 anos, agricultor, aposentado, morador há 23 anos).	O Meio ambiente não é essa mata aí? Essa mata toda do tabuleiro aí. Eu Acredito que seja isso daí. É o que o povo fala que é o meio ambiente.
Luiz Januário (74 anos, agricultor, aposentado, morador há 22 anos).	O meio ambiente é o seguinte, ele é formação em tudo, meio ambiente é um caso que ele é determinado para servir separação destruição, meio ambiente né? Ninguém pode destruir o meio ambiente sua formatura do trabalho, e fazer o trabalho no meio ambiente, mas que isso não prejudique pelo menos nas nossas áreas de trabalho.
Gilberto Braga (58 anos, agricultor, morador há 22 anos).	O meio ambiente é você preservar a mata, as caças que mora no ambiente, não tem outra coisa não. Você reservou a mata, não destruir a mata, né? Não pode arrancar pau.
Mara Bezerra (55 anos, agricultora, ASG, moradora há 22 anos).	O meio ambiente pra min é o local que tem vida na terra.
Galego Pereira (52 anos, agricultor, morador há 10 anos).	Limpeza.
Amado Edilson, (50 anos, agricultor, morador há 22 anos).	Eu acho que é onde a gente vive, né? É o que eu posso lhe falar agora.
Edite Viegas (49 anos, agricultora, moradora há 19 anos).	Sei lá! De plantas, das coisas da natureza.
Rúbia Lafaeht (62 anos, agricultora, moradora há 21 anos).	O meio ambiente é como se diz! A gente mora aqui nessa comunidade e temos o meio ambiente que é as matas, as florestas, não é isso?
Maria Francis (44 anos, agricultora, moradora há 10 anos).	Você agora me pegou de surpresa! Meio ambiente é... Plantação?

Quadro 02 - Transcrição das falas dos (as) entrevistados (as)

Ao analisar as respostas do quadro 02 é possível identificar um predomínio da visão naturalista no que se refere a compreensão de meio ambiente na perspectiva dos (as) agricultores (as). A maioria das falas se remetem aos elementos físicos, químicos e biológicos como fenômenos e processos constitutivos do mundo natural expressos na paisagem. Ou seja, a visão predominante é uma visão construída historicamente e influenciada por uma concepção de mundo mecanicista, fragmentadora da realidade que separa natureza, cultura e sociedade. Do ponto de vista epistemológico, essa visão sobre o meio ambiente valoriza de modo mais explícito os aspectos naturalistas, ao se elencar questões como limpeza, matas, preservação das matas, florestas.

Constata-se, pois, que nessa primeira análise, destaca-se com mais veemência, a ligação do meio ambiente com a questão da limpeza. Tal como está transcrita na fala de Maria Flor:

Você tá bem no canto onde tem limpeza, né isso! Onde não aconteça sujeira para a gente preservar a natureza, e não deixar lata velha, garrafas, coisas que prejudiquem as pessoas e o meio ambiente em que vivemos. Acredito que seja isso (...). Deixar tudo sujo, já não é bom, mesmo assim é onde a gente convive, tem que ser uma coisa limpa, que a gente não destrua a natureza (MARIA FLOR, 2022).

Ainda corroborando com essa concepção, Edite Veiga (2022) compreende que ao se falar em Meio Ambiente, falasse “de plantas, das coisas da natureza.” Já na concepção de Gilberto Braga (2022) o meio ambiente “é você preservar a mata, as caças que moram no ambiente, não tem outra coisa não. Você reservou a mata, não destruir a mata (...). Nessa mesma linha de raciocínio, pensa Rúbia Lafaeht (2022) ao afirmar que “temos o meio ambiente que é as matas, as florestas, num é isso?” Um entendimento bem expressivo que se reporta de modo mais contundente aos elementos químicos, físicos e biológicos da biosfera.

À luz de Gonzaga (2014) é possível compreender que a perspectiva naturalista sobre meio ambiente é parte de uma cultura histórica que constitui o senso comum, sensível ao valor das paisagens naturais, como também, dos rios, dos bosques, ou seja, quase sempre vinculada apenas aos meios bióticos e abióticos. Nessa perspectiva, belezas naturais se convertem como um bem precioso e se afirmam como um bem importante, desejado e dotado de valor pela sociedade, daí o fato de se fortalecer a ideia de preservar, valorizar o ambiente natural.

A compreensão dialética sobre o meio ambiente amplia os horizontes do campo epistemológico, ao propiciar que os debates incorporem uma dimensão abrangente e reflexiva da dimensão ambiental, tal como se nutre este debate nas ciências humanas e sociais quando exploram as contribuições do campo da ecologia política e da economia política.

Para além da perspectiva naturalista, é importante destacar o contraponto à visão predominante que permeia o senso comum da vida social. Tal perspectiva aparece nas falas de Mara Bezerra e Amado Edilson (2022), quando incorporam uma dimensão social ao se referirem ao meio ambiente: “Eu acho que é onde a gente vive (...).” Tal fala, ainda que sem muitos detalhes, abarca o meio ambiente como um “todo”. Traz a ideia de um meio ambiente que congrega tanto meio físico como o social.

Desse modo, partimos para identificar e analisar as falas dos (as) entrevistados (as) diante da 2ª questão de pesquisa, apresentada no quadro 02.

Agricultores (as) entrevistados (as)	2º- Qual a importância do Meio Ambiente?
Maria Flor	Ter um lugar limpo e cuidado, ter cuidado com ele, não acontecer sujeira, não ter animal fazendo cocô, não desmatar, ter um pé de planta, não destruir. Eu acho que seja isso.
Francisco Meirão	Rapaz, essa importância eu não sei bem não, mas acho que é preservar né! Preservar ela pra ninguém explorar.
Luiz Januário	O meio ambiente é muito importante, ele produz né! Ele da alimentação que a gente produz no meio ambiente, quer dizer, o meio ambiente é a terra, a terra é meio ambiente. Tem a área que é preservada só para produzir, a gente tira uma produção de alimentação muito boa e preservar o meio ambiente.
Gilberto Braga	É importante pra natureza, porque sem a mata é ruim pra chuva, não chove sem mata. A mata já é pra isso.
Mara Bezerra.	Serve para plantar, colher, no meio ambiente que eu vivo, eu acho assim.
Galego Pereira	Ficar bonito
Amado Edilson	Eu acho que, não seja desmatar as matas, né!
Edite Veiga	É pra nossa sobrevivência. Continuar cuidando das plantas.
Rúbia Lafaeht	É muito importante, eu acho o meio ambiente muito importante. É assim, a gente pra manter o meio ambiente limpo e é tudo certinho.
Maria Francis	É colher, plantar, preservar os rios, as matas.

Quadro 03 – Transcrição das falas dos (as) entrevistados (as)

Ao analisar as respostas elencadas no quadro 03, no que diz respeito a importância do meio ambiente, constata-se uma preocupação com a questão da preservação. Essa menção aparece nas falas de Francisco Meirão, Luiz Januário e Maria Francis. Num sentido análogo, também aparece a ideia de não “desmatar”, expressa nas falas de Maria Flor e Amado Edilson.

Essas questões apresentadas estabelecem uma relação com a ideia de conservar a natureza, mantê-la intocada, vê-la como meio para proporcionar bem estar individual, espaço para contemplar as paisagens, as belezas naturais, sendo essa uma compressão de cunho naturalista.

No quadro 04, as falas transcritas expressam a perspectiva de sustentabilidade concebida pelos (as) entrevistados (as).

Agricultores (as) entrevistados (as)	3º- Quais atividades você desenvolve que estejam ou não em equilíbrio sustentável como o meio ambiente?
Maria Flor	Se unir uns com os outros, com as pessoas. Mostrar a eles que não devemos destruir, sujar o meio ambiente, a gente tem que cuidar para que sirva de coisas boas para gente. Na hora que a gente tá lutando com aquele para fazer umas coisas boas, limpar deixar bem com a natureza, tem que se juntar todas as pessoas da comunidade para fazer a limpeza para que não aconteça danos na natureza.
Francisco Meirão	Cortar Lenha.
Luiz Januário	Porque a gente trabalha, produz no meio ambiente e convive no meio ambiente que é como eu já disse, que a gente convive no meio ambiente sem destruição do meio ambiente. A gente tem o meio ambiente para alimentar, trabalhar, produzir de tudo (...).
Gilberto Braga	Planto.
Mara Bezerra	Cuido e planto.
Galego Pereira	Plantar
Amado Edilson	Plantar, colher.
Edite Veiga	Aguar as plantinhas que a gente planta e reduzi as embalagens.
Rúbia Lafaeth	Agricultura, né!
Maria Francis	Não jogar lixo fora, eu não jogo fora, eu junto pra colocar no carro.

Quadro 04 - Transcrição das falas dos (as) entrevistados (as)

No quadro 04 onde se transcreve as falas em resposta a questão “quais atividades você desenvolve que estejam ou não em equilíbrio sustentável com o meio ambiente?”, as respostas se aproximam das apresentadas no quadro 03, ou seja, a compreensão acerca desse aspecto está quase sempre ligada ao meio ambiente como suporte para plantio e produção de alimentos.

A compreensão de meio ambiente expressa na fala de Maria Flor e Luiz Januário seguiram uma única concepção em torno da pesquisa como um todo, pois, a ideia de meio

ambiente da primeira é relacionada a limpeza, preservação da paisagem limpa. Já o segundo, concebe o meio ambiente como lugar de realização do trabalho.

Dentre as respostas, chama à atenção as falas de Maria Francis : “não jogar lixo fora, eu não jogo fora, eu junto pra colocar no carro” e a de Edite Veiga: “reduzir as embalagens”, essa que mesmo compreendendo o meio ambiente apenas “como coisas da natureza” entende que faz alguma atividade que está em equilíbrio sustentável. Por outro viés, a fala de Chico Mendes expressa uma relação de contradição, na medida em que quando se refere ao ato de “cortar lenha” se contradiz com a resposta dada na questão 02, que diz ser a importância do meio ambiente preservar, não de explorar. Tal compreensão indica que apesar de se reconhecer a importância de preservar não se preocupa em exercer atividades que favorecem a esse fim.

Percebe-se que o assunto meio ambiente não se caracteriza como uma preocupação na relação dos (as) agricultores (as) com o trabalho. Por outro lado, é importante enfatizar que se reconhece que a visão dos (as) agricultores (as) no tocante a uma compreensão mais ampla sobre a questão ambiental é resultado das próprias relações sociais de produção historicamente estabelecidas há anos em sociedade, e que criam desigualdades sociais , culturais em todos os espaços e sujeitos, ao passo que tais contradições reproduzem as próprias relações sociais.

No sentido oposto, a visão dialética acerca do meio ambiente configura-se em um campo altamente comprometido com os problemas e conflitos ambientais.

Contudo, LÖWY (2010) considera que uma visão de meio ambiente ou “uma ecologia que não leve em conta a relação do lucro está destinada ao fracasso, ou pior, à sua recuperação pelo sistema”. Sob esse prisma, torna-se necessário se pensar dialeticamente e assumir a defesa de que não é possível reconhecer o meio ambiente como preocupação de determinado campo de conhecimento exclusivo, sob pena de não se vislumbrar outras possibilidades de apreensão do mundo, e, portanto construir alternativas políticas e científicas aos agravos socioambientais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise e a reflexão sobre os dados apresentados nesse estudo subsidiaram a constatação acerca da concepção de meio ambiente de agricultores (as), a qual encontra-se fundamentada pela visão de mundo naturalizada, que considera os elementos físicos, químicos e biológicos como dimensões totalizadoras que expressam o significado do meio ambiente.

Esta compreensão é influenciada por uma visão de mundo que separa, e não considera a dimensão social, política e a cultura humana como partes constitutivas do meio ambiente. Portanto, não considerando a relação intrínseca existente entre os condicionantes econômicos, políticos e sociais com a dinâmica ambiental. Ou seja, é uma visão cultural e histórica que separa a natureza da cultura humana. No entendimento da importância dessa temática que esse Trabalho de Conclusão de Curso, pretende, se constituir também como contribuição para outros estudos e pesquisas futuras na mesma linha de pensamento.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Louriete Ribeiro. ARAÚJO, Lourinete Ribeiro. MACIEL, Ozanira Soares. **Relato de Experiência: Projeto Enraizando Saberes**. Pág. 32, Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), Ipanguaçu: RN, 2019.
- BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: **Diário Oficial da República Federativa**, Brasília, 05 de out. de 1988.
- BRUNDTLAND, Gro Harlen (org.). **Nosso Futuro Comum**. Relatório da Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento das Nações Unidas, Rio de Janeiro: FGV, 1988.
- COIMBRA, José de Ávila Aguiar. **O outro lado do meio ambiente: uma incursão humanista na questão ambiental**. Campinas: Millennium, 2002. 527 p.
- GONÇALVES, Carlos Walter Porto. **Os Descaminhos do Meio Ambiente**. 15. ed. [S. l.]: Contexto, 1989. 152 p. ISBN 8585134402.
- GONZAGA, Magnus José Barros. **Educação Ambiental: Um estudo de experiências nas Escolas Municipais de Natal**, Natal, 2008. 160 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2008.
- GONZAGA, Magnus José Barros. **A Política Nacional de Educação Ambiental: Limites e Desafios para a sua efetivação na Universidade Federal do Rio Grande Do Norte**, 2014. 209f. Tese (Doutorado em Educação) - Centro de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2014.
- _____. O Naturalismo presente na visão de professores sobre meio ambiente e as marcas da educação ambiental conservadora. **Rev. BEA**, São Paulo, SP, V. 11, No 1: 54-65, 2016.

LEFF, Henrique. **Ecologia, capital e cultura**: racionalidade ambiental, democracia participativa e desenvolvimento sustentável. Blumenau: Edifurb, 2000.

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. et al. **Sociedade e meio ambiente**: a educação ambiental em debate. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. **Trajetória e fundamentos da educação ambiental**. São Paulo: Cortez, 2004.

_____. **Pensamento complexo, dialética e educação ambiental**. São Paulo: Cortez, 2006.

_____. Contribuições da teoria marxista para a educação ambiental crítica. **Cad. CEDES**, Campinas, v. 29, n. 77, Abr. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/bCgHZJsySJnj7QYKbCZm4BF/?lang=pt>.

LÖWY, Michael. Crise ecológica, capitalismo, altermundialismo: um ponto de vista ecossocialista. **Margem esquerda, ensaios marxistas**. Boitempo Editorial, São Paulo, n. 14, 2010.

SOUSA, A. L. L. de; GONZAGA, M. J. B. O materialismo histórico dialético na pesquisa em educação ambiental
 The dialectical and historical materialism in the environmental education research. **REMEA - Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, [S. l.], v. 31, n. 1, p. 138–152, 2014. DOI: 10.14295/remea.v31i1.4312. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/remea/article/view/4312>. Acesso em: 20 mar. 2022.

AGRADECIMENTOS

A oportunidade de cursar um curso superior na minha realidade era apenas um sonho, mas, enfim, em 2017, consegui sair desse campo, e torná-lo concreto. O que não foi fácil, durante todo o curso me deparei com inúmeras dificuldades, tanto acadêmicas, sociais, familiares e até mesmo psíquicas. Contudo, é chegada a conclusão e o sentimento de nostalgia de toda a experiência vivida, envolvida a gratidão desses momentos.

Por tudo isso, penso que primeiramente meus agradecimentos são para Deus por ter me proporcionado concretizar esse sonho, para além ainda, nos momentos de aflições me amparou, me concedeu força, fé e capacidade do início até esse momento. De maneira carinhosa minha gratidão se estende a cada ente familiar sendo eles: Aos meus Pais, meu Esposo, meus dois irmãos, meus dois sobrinhos, que de forma grande ou pequena me favoreceu com suporte e apoio para minha entrada e conclusão desse processo de aprendizagem. Todo o espaço disponível não seria o bastante para indicar esses agradecimentos.

Meus agradecimentos mais que afetuoso ao meu orientador que com maestria e capacidade me guiou para grandes ensinamentos, assim como, a cada docente, que com competência e sensibilidade ministraram o ensino e me orientaram no meu aprendizado, que tanto contribuíram para alcançar o conhecimento, mais do que isso, mesmo estando em um ambiente de rigor acadêmico, me marcaram com o primor de suas práticas, a ser um humano para além da formação profissional, mas para a vida como cidadã.

Ainda sou grata a UFRSA, que proporcionou o curso da primeira turma de pedagogia em Angicos/RN, no qual com muita honra fiz parte, a cada colega de turma onde vivenciamos muitos testes e conflitos, mas mesmo apesar das divergentes opiniões, sempre nos entendíamos para o bem coletivo, nos ajudávamos sempre que possível e torcíamos um pelo o outro, o mais importante e maravilhoso sem denegrir ou menosprezar, respeitando os diferentes conhecimentos, aprendizados, tempos e espaço de cada um (a).

Concluo entendendo que mesmo já estando na parte final desse ciclo, ainda é vista uma sensação de sonho, ora! Sendo eu Filha, Neta de Agricultores, Mãe ASG, no qual muito me honra e me orgulha de pertencer a esse quadro de seres humanos honestos e resistentes, não tinha eu perspectiva futura nenhuma de espaço, mas Deus me capacitou e consegui me formar, alcançando o diploma tão sonhado superior de pedagogia.

Contudo, essa experiência é chegada a um resultado que é expresso em Lyra (1996):

(...) “A gente chegou, assustou-se, espantou-se, e aprendeu.” (...).